



SOCIEDADE PORTUGUESA
DE PSICOLOGIA CLÍNICA

KAIROS

Boletim da Sociedade Portuguesa de Psicologia Clínica

“A arte é longa, o tempo curto, a ocasião (KAIROS) fugidia, a experiência enganosa.”

Nº3 – Novembro 2007

Coordenação: Sector de Publicações da SPPC



INFO

- Se desejar receber informações sobre a Sociedade e a Newsletter da SPPC por email, envie-nos o seu endereço para publicacoes.sppc@gmail.com ou para inform@sppc-pt.com.
- No site www.sppc-pt.com poderá ter acesso a mais informações acerca da SPPC, bem como o formato electrónico dos Boletins e Newsletters.

ÍNDICE

| | |
|---|----|
| Índice e Info | 1 |
| Reflexões | |
| – Adolescência: um encontro com a realidade | |
| José Carlos Coelho Rosa..... | 2 |
| – Quanto o perigo espreita – o risco e o desenvolvimento psíquico adolescente | |
| Patrícia António..... | 9 |
| – Comentário ao livro – Mudanças Psíquicas no Processo Terapêutico de Maria Fernanda Alexandre | |
| António Jorge Andrade..... | 15 |
| Sublimações..... | 16 |
| Eventos Científicos..... | 17 |
| Eventos Científicos SPPC..... | 18 |
| Actividades Culturais..... | 19 |
| Info(fo)rmação, Normas para Publicação no Boletim Kairos, Contactos e Ficha Técnica..... | 20 |



Reflexões

Adolescência: um encontro com a realidade *

*José Carlos Coelho Rosa ***

“A Realidade manifesta-se de uma forma caótica e sem sentido”. Assim falava, perante um jovem público universitário, o Prof. Doutor Borges de Macedo nas suas aulas de Teoria da História, há cerca de 30 anos.

A mim, então com 17 anos, esta frase fascinava-me sem saber bem porquê. Era uma afirmação revolucionária que punha tudo em causa, desde as leis científicas e a nossa profunda fé nelas, até ao nosso comportamento face ao mundo que nos rodeava, sobretudo naquele anos conturbados da vida académica entre 1962 e 1964.

Nessa altura, jovem adolescente, não poderia haver afirmação que mais se adequasse à minha maneira de sentir e de viver. No fundo, confirmava todos os meus sentimentos de confusão e de angústia e dava-lhes um fundamento; confirmava também a minha percepção da realidade e, por isso mesmo, conseguia um efeito ansiolítico já que, pelo menos assim me parecia, a minha experiência pessoal tinha uma razão de ser.

Com o decorrer dos anos, esta frase tão simples foi adquirindo novos sentidos, cada vez mais profundos, sem perder, antes pelo contrário, conquistando mais importância, mas já não possuía aquele dom mágico, ansiolítico, que tivera antes. É que fui percebendo que se a realidade era caótica e sem sentido, eu – para sobreviver no meio dela – lhe dava uma organização que tinha a ver comigo e com a minha forma de me relacionar. A impotência e confusão que sentia perante o caos e que me levava a, onipotente e pseudo-revolucionariamente, querer que a realidade tivesse o meu sentido, deram lugar aos poucos ao sentimento das minhas limitações pela constatação, para mim cada vez mais evidente, de que a realidade só podia ter o sentido que cada pessoa lhe desse e que, frequentemente, nem sequer era o que eu lhe dava.

Lentamente, mas não sem sobressaltos e angústias, fui verificando que, consoante o ponto de vista, a realidade pode ser coerentemente explicada de várias formas, tornando

* Comunicação apresentada na mesa-redonda “Psicose na Adolescência – Crise ou Catástrofe”, integrada no Colóquio «Psicose na Infância e na Adolescência». Lisboa, Maio de 1994. Publicado na “Análise Psicológica”, nº 1/2 – Série XIII, Lisboa, Julho de 1995.

** Psicólogo e Psicanalista.



irredutíveis as diversas coerências explicativas se não se altera o ponto de vista.

Se substituirmos a expressão “ponto de vista” pela expressão “estilo relacional”, entramos definitivamente e claramente no campo da psicologia e poderemos perceber então porque a Ciência, desde a matemática à psicologia e à história; a Arte, desde a música à literatura e às artes plásticas; a Religião, desde a divinização da natureza à salvação espiritual e à política, tantas vezes entram em conflitos aparentemente insolúveis e até em ataques recíprocos à capacidade de reflexão que muitas vezes equivalem a apodar-se de psicóticos uns aos outros. É que cada coerência explicativa é determinada por um estilo relacional e, portanto, cada uma dá, de forma diferente, sentido à realidade.

Diferente não quer dizer contraditório. Contudo, devido à dificuldade de mudar de ponto de vista, isto é, adoptar outro estilo relacional, frequentemente, como vemos todos os dias, aparecem sinais de dogmatismo intolerante, inspirados mais num espírito missionário intransigente do que num verdadeiro desejo de investigação e conhecimento.

Precisamente e por razões de

sobrevivência psíquica, é o que se passa também na adolescência. E não é totalmente destituído de fundamento que este período da vida já tenha sido classificado como uma fase psicótica normal do desenvolvimento humano. É que, tendo em conta a nossa reflexão até este momento, a saúde mental depende fundamentalmente da nossa capacidade de pôr ordem no caos da realidade, isto é, da nossa capacidade de lhe dar o sentido que ela não tem e, deste modo e em certa medida, dela nos afastarmos. Inversamente, a nossa incapacidade de o fazer permite a invasão caótica da realidade e o sentimento de angústia por nos vermos perdidos no meio dela.

Neste sentido, a psicose, tal como alguns fenómenos da adolescência, não é um corte com a realidade ou uma deficiente apreensão dela. É pelo contrário, um *contacto real* com a realidade, o resultado de uma invasão brutal e não filtrada da realidade no mundo interno, que assim deixa de o ser, confundindo-se com o externo e diluindo-se no caos por ausência de uma grelha diferenciadora.

A clivagem é um processo essencial do pensamento e da saúde mental que nos permite, entre outras coisas, distinguir o possível do



impossível. Pelo contrário, se a clivagem não é conseguida, a torrente da realidade invade o sujeito, estilhaça o «Eu» e tudo se mistura tornando possível o impossível e real a fantasia. Estamos perante a “reificação do pensamento”, na expressão feliz de Coimbra de Matos.

Esta perspectiva leva-nos a compreender a adolescência mais como um fenómeno cultural e social do que como um fenómeno natural.

Nas sociedades menos complexas e tecnologicamente menos desenvolvidas, vemos que um jovem – rapaz ou rapariga – é adulto praticamente desde que fisiologicamente está apto a procriar. Passa por rituais de iniciação de carácter mais ou menos público e é considerado adulto no mundo dos homens ou das mulheres, assim passando a ser reconhecido pela sociedade a que pertence. Mesmo na nossa sociedade portuguesa, ainda na Idade Moderna se podia ser rei com 14 anos.

Nas sociedades tecnologicamente mais desenvolvidas e, conseqüentemente, mais complexas, o jovem, conquanto biologicamente amadurecido, não pode ser considerado adulto senão quando teoricamente tiver capacidade para perceber os mecanismos básicos da sociedade em que está integrado.

Esta circunstância, conduz a um período de espera – que Eric Erikson denominou com propriedade de “moratória social” – que se, por um lado, representa um prolongamento da dependência em relação aos adultos; por outro, é uma concessão que a sociedade faz ao jovem, permitindo-lhe sobreviver mais algum tempo sem as responsabilidades do adulto até ele estar apto a sê-lo também. É este período de espera que constitui a adolescência e que, entre outros, comporta este conflito entre o biológico e o social.

Não se pretende aqui fazer um estudo exaustivo da adolescência e, por isso, centrar-me-ei apenas em torno deste último ponto, tendo em conta todo o reducionismo que isso implica e o mundo de factores e conflitos que se apresentam nesse período da vida humana e que aqui não tratarei.

De facto, o adolescente sai de um período da sua vida em que via a realidade organizada pelos outros, em que vivia a sua vida em nome de princípios que ele não ousava questionar. Agora ele encontra-se perante impulsos – sexuais, agressivos e outros – que parecem em contradição com os valores que lhe foram transmitidos. Tem um encontro, inesperado muitas vezes, com a realidade



e que, por muito que estivesse prevenido para ele, surge sempre como uma experiência nova e contraditória com o que sentia até aí.

A constatação da incompatibilidade entre o que sente e o que lhe foi transmitido, entre o que deseja e para que se sente apto e aquilo que lhe é permitido ou lhe é possível realizar, constitui um motivo de revolta e também um incentivo para se encontrar com a realidade e descobri-la em toda a sua exuberância e pureza. É a festa da adolescência que tão pouco tem sido tratada, mas que é tão importante quanto os trabalhos de luto que essa festa comporta e de que tantas vezes se fala.

“Quem quer festa sua-lhe a testa” – diz o povo. E o adolescente não desmente o aforismo, já que esse êxtase necessário da descoberta e encontro com a realidade lhe vai custar o elevado preço das angústias, das depressões, das confusões, dos medos, dos sentimentos de impotência. Perante isso, desafia omnipotentemente fantasmas e realidades, tudo e todos e até a si próprio, numa tentativa de impor a desordem que é a sua própria ordem interna, invadida que foi pela realidade e confundida que está com a fantasia. Daqui o culto do herói como modelo provisório de identificação, a

generosidade sem limites em nome de um ideal irrealizável mas admitido como possível, a exclamação anárquica da vida em nome do bom caos da realidade. Em suma, o retorno às origens, o mito do bom selvagem que, aos poucos, irá sendo morto pela necessidade de sobrevivência psíquica. O mesmo é dizer, pelo funcionamento do processo secundário que o conduz a marcar as suas distâncias face à realidade. Essa distância face à realidade externa permite-lhe então um equilíbrio interno face ao triunfo e à derrota, ser realista em relação à sua realidade interna, ser um adulto biológica, psicológica e socialmente.

A adolescência não é, pois, catástrofe. Se assim fosse considerada, estar-se-ia a tomar a parte pelo todo. Sem dúvida que há sentimentos de catástrofe. Mas verdadeiramente catastrófico seria confundir o sentimento com a realidade e aí se fixar. Na adolescência, esse sentimento corresponde ao derrube da organização fornecida por outros e que ainda não foi substituída por uma organização dada pelo próprio.

O adolescente pode comparar-se a uma espécie de viajante aventureiro dos finais da Idade Média e da Idade Moderna, procurando fascinado uma realidade que não é como lhe



transmitiram, mas que ele ainda não sabe como é. Curiosamente, Georges Gusdorf caracteriza o Renascimento como “a crise de originalidade juvenil da civilização ocidental”. Na verdade, tal como na vida humana, é um período em que se contestam os valores medievais, mas em que se não encontrou ainda uma coerência explicativa diferente para a realidade. No entanto, é na segunda metade da Idade Moderna, como na adolescência, que se começam a lançar os fundamentos da ciência actual, que nos levou a organizar a realidade de uma maneira completamente diferente.

Só no momento em que uma nova coerência explicativa – agora pessoal e própria – se consegue, é possível abalar ou mesmo derrubar elementos organizadores sem o sentimento de grande angústia ou até de catástrofe. Por outras palavras, só um adulto pode encarar sem angústia excessiva a mudança e a novidade, precisamente porque essa novidade pode ser elaborada e integrada pelo processo secundário na sua forma organizada de abordar a realidade.

Apesar de tudo, alguma coisa é pouco sólida na organização – mesmo de um adulto – e, por vezes, a realidade irrompe caoticamente no sujeito, provocando-lhe crises de angústia que, como todos sabemos, determinam grande

sofrimento. Essa fragilidade, maior ou menor, existe em todos nós precisamente porque, como adultos, temos um pensamento próprio – o nosso; uma história própria – a nossa; e, por fim, construímos uma coerência explicativa própria que também é nossa, ainda que possa coincidir nalguns pontos com outras.

Esses aspectos mais frágeis são resquícios da adolescência e da infância que permanecem em nós. Quer de elementos que conservámos daquilo que nos foi transmitido na infância; quer de elementos com que completámos «a priori» a nossa experiência da adolescência.

No entanto, o adulto – psicologicamente adulto – sabe que não é uma catástrofe o que lhe traz uma nova perspectiva. Sabe que é uma crise passageira correspondente ao seu tempo de elaboração e integração de novos dados.

A adolescência pode assim ser vista como uma crise também. Mas uma crise necessária, preço que se paga – uns mais, outros menos – para vivermos na civilização. Quem não o pagou na altura própria, terá de o pagar mais tarde ou não atingirá nunca o estado de adulto que, se lhe exigiu esse preço, também lhe proporciona os incontestáveis benefícios



da Civilização, da Cultura e da Liberdade pessoal. Também lhe permite aprender a opor à força bruta impositiva, a força compreensiva, inteligente e dialogante própria do homem civilizado e encarar com esperança, ainda que com tristeza, que situações de guerra entre homens que julgávamos civilizados (como, por exemplo, na ex-Jugoslávia) não passem de comportamentos brutais e anacrónicos provenientes de crianças infladas, pseudo-adultos que ainda não tiveram oportunidade de viver a sua crise de adolescência. Habitados a ver a realidade através de uma coerência explicativa que não era a própria, quando esta caiu foram invadidos pela realidade caótica em que se encontravam e, sem um “aparelho de pensar” próprio e sólido, deram largas às suas antigas «pulsões», agora reacordadas. Sem filtro, deixaram-se invadir pelo caos e nele submergiram, com ele se confundindo. Pior, como sempre sucede nos fenómenos de massas, agiram-no, tal como, em casos extremos, acontece o suicídio na adolescência.

Nestes casos, o sentimento de caos é tão intenso que só pode ser vivido catastroficamente e o sujeito só pode admitir a fuga total da realidade, já que não possui ou, mais frequentemente, o impedem de ir aperfeiçoando os seus

“instrumentos” para a enfrentar e organizar. Não consegue distanciar-se minimamente do caos e então dilui-se nele.

A adolescência pressupõe toda uma preparação para ela durante a infância. Preparação afectiva e intelectual. Se uma criança não consegue estabelecer sólidos laços afectivos na infância e não adquire uma certa autonomia no funcionamento intelectual, é muito difícil enfrentar todas as angústias do contacto com a realidade. Pior ainda se, quando o jovem inicia esse contacto, os responsáveis pelo seu desenvolvimento persistem em impor o seu modelo organizativo, não respeitando a necessidade de experiência do adolescente e contestando as suas tentativas de organização autónoma. Creio também este factor poder ser encontrado no caso analogicamente apresentado da ex-Jugoslávia.

Nessas circunstâncias, ao caos da própria realidade acrescenta-se o caos interno: o que sinto não é possível de sentir. O que é não pode ser – na sugestiva expressão de Frederico Pereira. E porque não lhe é possível ser o que é nem tentar a sua autonomia, só resta ao jovem cumprir a ordem, corresponder à vontade do ou dos adultos que, nesta situação, se pode traduzir na seguinte sentença: “Tu és o



que não pode ser. Tu és o impossível”.

O que pode restar ao jovem senão sair a meio, com as forças do desespero, desse “Clube de Poetas Mortos”? Cumpra a vontade dos adultos: “ Se sou o que não pode ser, se tenho de ser aquilo que vocês querem que eu seja, então ou destruo a vossa vontade, ou sou nada”. E segue-se a constatação da indestrutibilidade da vontade do outro, contra a qual a própria dependência económica o torna impotente.

Como sabemos, a adolescência vai-se tecendo num emaranhado de linhas muito complexo que solicita uma atenção permanente e próxima, ainda que discreta, por parte dos adultos.

Contudo, como se apontou atrás, também os adultos que contactam com o jovem têm alguns problemas do seu passado por resolver, especialmente no que se refere ao luto das suas próprias «imagos» parentais. Daí resultam situações de confronto violento sempre que ambos – adulto e adolescente – se encontram frágeis perante uma situação real, tentando enfrentá-la, cada um à sua

maneira. Desprovidos ambos de meios organizativos, impossibilitam uma ponte dialogante, recorrendo à lei do mais forte, numa luta infantilmente dominada pela analidade dos primeiros anos de vida. Realmente não lutam um contra o outro, mas ambos contra fantasmas do seu respectivo passado, numa quixotesca cavalgada em que, frequentemente, falta ou não se consegue fazer aceitar a presença de um Sancho Pança com o seu genialmente simples e organizador bom-senso.

Estar atento às suas próprias fragilidades é a melhor maneira de o adulto se colocar face à realidade e especialmente face ao adolescente, disponibilizando-se assim para o ajudar a autonomizar-se.

Não parece, pois, descabido terminar com uma advertência, mais uma vez citando o Prof. Doutor Borges de Macedo: “Não raro atrás de um autêntico democrata se esconde um verdadeiro ditador”. Mesmo sem que ele próprio o saiba, acrescento eu.



Quando o perigo espreita – o risco e o desenvolvimento psíquico adolescente

Patrícia António *

A ideia que melhor traduz todo o processo adolescente é a necessidade de realizar um grande desenvolvimento psíquico num espaço de tempo relativamente curto.

Na passagem da infância à vida adulta, rompe-se um equilíbrio antigo supervisionado pela protecção parental e geram-se conflitos relacionados, por um lado, com a capacidade do jovem assumir a mudança e, por outro, com a tolerância com que o meio externo aceita as mudanças que o jovem se prepara para fazer acontecer. Neste caminho, vivido na oscilação entre a turbulência e a dispersão, sempre que o adolescente se sente incapaz de transformar uma realidade adversa através do pensamento numa realidade prazerosa, põe em jogo estratégias de evitamento, de fuga e, muitas vezes, de acção e ataque à realidade, em que o comportamento surge como o sintoma de uma insuficiência na sua capacidade de prever e pensar.

O contacto directo do jovem com o risco faz parte do seu próprio processo de crescimento. O risco ou transgressão na adolescência aparece submetido e inscrito na dinâmica relacional, transformacional, de crescimento e (re)criação do próprio processo adolescente (Matos, 1995; Fleming, 2003;

Marques, 2001, 2005). Mais do que em qualquer outro estágio do desenvolvimento humano, é na adolescência que se despoleta uma necessidade imperiosa de tocar os limites, tantos os que nascem do mundo interno, como os que fazem parte do mundo externo, da lei, do exterior. A perspectiva do adolescente é a de *por à prova*, i.e., expor-se, verificar a solidez e a firmeza dos limites e a de *experimental*, i.e., tomar as suas próprias decisões, fazer escolhas, sentir e reconhecer a sua própria realidade (Pommereau, 1998; APA, 2002).

No decorrer do seu percurso evolutivo, todos os meios são úteis quando o desejo de crescimento e conquista de autonomia é maior que o medo. A maioria dos adolescentes vão-se travando a si próprios quando sentem que estão a ir longe demais e vão tirando as suas próprias lições. Passam então a agir em função daquilo que vão aprendendo e passam a intuir tanto a razão por que agem, como os riscos concomitantes em que incorrem. O risco ganha sentido e finalidade.

Assim, o que caracteriza verdadeiramente o perigo é a repetição desenfreada destas condutas em combinações múltiplas e a sua proliferação. Ou seja, a repetição, a duração e a acumulação, podem

* Psicóloga Clínica e Mestre em Psicologia Clínica (área Adolescência e Comportamentos de Risco)



inscrever o adolescente numa paragem e fixação desviante, correspondente a uma espécie de comportamento de auto-sabotagem que ameaça o seu desenvolvimento e o trabalho psíquico em curso.

Quando o perigo espreita...

Na actual sociedade, a acção é constantemente sobreposta ao sentimento, ao afecto e à palavra e por isso assiste-se nos jovens de hoje ao florescimento de sinais claros de dificuldades internas e carências cada vez mais precoces expressas nas mais diversas dúvidas existenciais: *Qual o sentido da minha vida?; Que perspectiva de futuro posso vir eu a ter?; O que interessa? Viver ou morrer?*

Quando o adolescente não consegue encontrar internamente uma razão para a sua existência, uma convicção interna de que a sua vida tem valor para si e para o outro, que tem um lugar na sociedade e um projecto a cumprir, vai procurar fora, de forma, por vezes, perfeitamente aleatória, a razão para realmente existir. Surge a via da descarga, a acção irreflectida, o comportamento de risco que encobre este sentimento de falta e de vazio afectivo

(Laufer, 2000; Le Breton, 2004; Matos, 2005a). E assim aumenta a percentagem de estruturas *borderline*, patologias-limite e a presença de caracteres psicóticos da personalidade (Coimbra de Matos, 2002a). Muitos adolescentes de hoje vêm-se pura e simplesmente incapazes de descortinar os limites que lhes permitam enquadrar verdadeiramente as suas vidas porque raramente encontram o adulto, o formador, cuja identidade lhe serve de apoio e modelo, disposto a partilhar a experiência de crescer. Os processos de crescimento actuais tendem a oscilar entre uma adultização precocíssima e uma adolescência interminável de dependências. A par destes processos, a experiência clínica com adolescentes fala da existência de um pai ausente, desvalorizado, demitido, muitas vezes impotente e forluído, ao mesmo tempo que dá conta de um apagar constante das diferenças na relação pais-filhos, do abandono e da indiferença familiar, que põem em causa o valor da paternidade. Surge a fuga maníaca ou fóbica, triunfal ou inibida, organizando-se o *Eu* adolescente numa aparência de força e estrutura, que mais cedo ou mais tarde, cederá a um movimento regressivo e explode em actos às mais pequenas frustrações (Coimbra de Matos, 2002a; Le



Breton, 2004; Matos, 2005b).

Por falta de alicerces e de estruturação, as sensações e as emoções acabam por confundir-se no interior destes jovens, ao mesmo tempo que os limites internos por eles mal estabelecidos fazem o real e o imaginário sobrepor-se um ao outro, no seu espírito, fruto deste ou daquele acontecimento mais marcante. Os estudos epidemiológicos mostram claramente o papel de determinados factores: uma situação de grande pobreza socioeconómica, a desorganização social em que vivem, a patologia mental dos pais (em especial a depressão e tentativas de suicídio), a ausência prolongada ou o desaparecimento da figura paterna, um desentendimento familiar crónico, entre outros (Braconnier & Marcelli, 2000; Marcelli, 2002; Le Breton, 2004; Marcelli & Braconnier, 2005).

Deste modo, para muitos jovens de hoje a única coisa que conseguem fazer é saltitar de comportamento de risco em comportamento de risco, à procura de um adulto capaz de dar voz à comunicação inerente. As aventuras de desfecho incerto em que se envolvem, acabam por encobrir as enormes brechas da sua estrutura afectiva pessoal. A prática clínica e o olhar atento sobre estas condutas repletas de egocentrismo e excentricidade mostra

claramente que aquilo que mais aflige estes jovens é uma grande insegurança interior provocada pela falta de pontos de orientação e de limites devidamente interiorizados. Uma vez à deriva relativamente aos sentimentos e às angústias que os atingem, procuram reencontrar-se e atingir as suas aspirações mais profundas embriagando-se de sensações fortes. Desafiam a morte para poder existir. Nas palavras de Pommereau (1998), “A experiência do pavor terrível que procuram permite-lhes esquecerem-se dos medos que fervilham no íntimo do seu ser” (p.134). Ou seja, permite-lhes “assustar” o próprio medo, mas nem por isso se sentem mais confiantes, porque sozinhos e fechado o círculo, aumenta o medo (Matos, 2000).

Esconder este sentimento de fragilidade passa também por procurar refúgio no grupo de pares e na adesão aos comportamentos mais arriscados e insensatos e assim, fundir-se de forma mimética na identidade grupal. São exemplos as apostas de corridas desenfreadas em contra-mão nas auto-estradas, o *streetracing* cada vez com mais adeptos, o uso expresso da sexualidade, o beber em versão de *shots* até cair para o lado. A assistir existe um público silencioso, por vezes consternado,



mas profundamente incapaz de traduzir ou dar significado.

Pela via da interpenetração e interfluência da realidade interior e exterior é que se desenvolve o pensamento, na medida em que se ligam os afectos às representações (Marques, 2005; Matos, 2005c). Em termos de relação objectal, a ausência ou precaridade do objecto na vida mental do adolescente obriga-o a externalizar e a expulsar o que não acede à sua representação psíquica. Conjugam-se a desobjectalização e a autodestruição e o corpo é posto em acção. Os comportamentos ocupam assim o lugar do sonho, da fantasia, sem que o pensamento possa enquadrar a acção (Arnoux, citado por Matos, 2005c).

Uma realidade interna suficientemente securizante oferece ao adolescente, em caso de conflito ou dificuldades, uma possibilidade de regressão que não é sinónimo de desorganização. Se o adolescente se sente ligado aos seus pais por vínculos seguros, em que predomina o amor e a aceitação, também progride mais em autonomia e na construção da sua identidade. São os seus alicerces narcísicos que formam esta base segura e que lhe vão permitir, numa etapa de grandes mudanças e transformações, assegurar a sua continuidade e a

permanência do investimento sobre si próprio.

Quanto mais em criança, o jovem interiorizou uma relação de confiança e segurança com o ambiente que o rodeava, mais será capaz de ter a sua própria capacidade de se securizar e de entrar em contacto com os seus recursos pessoais e de prazer e mais será capaz de vir a ser autónomo e de se abrir ao outro. Contrariamente, quanto mais inseguro, mais dependente é do exterior, do olhar do outro e do seu desejo de controlar o exterior e o outro através da percepção do seu comportamento externo, visível, em detrimento das suas capacidades psíquicas internas (Jeammet, 1994, no prelo). Nestes casos, o agir torna-se o meio de eleição para controlar a distância relacional do outro e manter o seu equilíbrio interno, mostrando que o jovem não logrou em encontrar a segurança afectiva num meio que segundo a ordem natural das coisas deveria ter sido suficientemente integrador, nem em interiorizar na altura devida as proibições dos progenitores. Entrar na adolescência deste modo, tende a ser sentida como uma crise existencial, em que os vínculos ao mundo infantil são demasiado fortes e o adolescente não consegue cortá-los; em que o seu desejo sexual é violento, mas os objectos



exogâmicos são altamente temidos; em que o mundo extrafamiliar é desejado mais que nunca, mas o receio da luta que a sua conquista impõem é enorme (Coimbra de Matos, 2002b).

Espreita a psicopatologia funcional de génese relacional e a grande vulnerabilidade do adolescente no lugar de o proteger e o empurrar para uma retracção do comportamento e um evitamento dos riscos, lança-o a maior parte das vezes na procura desse mesmo risco, comprometendo-lhe muitas vezes a vida, mas criando uma sensação de prazer, liberdade e valorização suprema (Matos, 1991; Le Breton, 2004).

Intervir, prevenir comportamentos de risco na adolescência é procurar a lógica e a verdadeira essência do que em cada jovem actua, age, se acidenta. Ele age para provocar a resposta dos outros e não apenas para afirmar a sua existência e a sua identidade. Esta procura vai conduzir ao manifesto e ao visível nos comportamentos e condutas de risco, inevitáveis e até desejáveis na adolescência. No entanto, é preciso também saber ler as forças internas e externas que dentro de cada comportamento actua ou podem estar contidas e que no limite colocam a questão da relação entre a vida e a morte,

que de tão temida pode passar a ser tão desafiada, quase desejada para encontrar uma intensidade para viver.

Em suma, todo o adolescente experimenta tensão em algum período, face às profundas modificações fisiológicas que provocam novos impulsos, novos desejos, novas ambições, nem sempre claramente consciencializadas na sua mente. As variações no seu comportamento são tão numerosas que, por vezes, é difícil decidir se um comportamento é devido a uma tensão ocasional “normal” ou se deve ser visto como um sinal de psicopatologia grave. É o tempo das incoerências, das comunicações paradoxais, da adesão aos comportamentos de risco, em que uma parte da mente sabe que corre riscos excessivos, mas nem por isso os deixa de correr. Ao negar essa realidade, o jovem lança-se na acção. Pelo contrário, se ao passar de uma etapa para a outra seguinte, i.e., da infância, para a puberdade, da puberdade para a adolescência, da adolescência para a fase adulta, o jovem conseguir guardar da sua infância o modelo de ligação aos pais, o alicerce das suas identificações, a base das suas novas conquistas, então vai conseguir reconhecer dentro de si o suficiente para fazer face aos grandes desafios da vida.

Conquista a autonomia, o gosto de



conseguir e a capacidade de transigir.

Referências Bibliográficas

- American Psychological Association, (APA, 2002). *Developing adolescents: a reference for professionals*. Washington, DC: American Psychological Association. Disponível em: www.apa.org/pi/pii/develop.pdf (acedido em 2004-06-17).
- Braconnier, A., & Marcelli, D. (2000). *As mil faces da adolescência* (M.M. Fernandes, trad.). Lisboa: Climepsi Editores (obra original publicada em 1998).
- Coimbra de Matos, A. (2002). *Adolescência: o triunfo do pensamento e a descoberta do amor*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Coimbra de Matos, A. (2002a). O adolescente: Príncipe Édipo e rei Narciso. In *Adolescência: o triunfo do pensamento e a descoberta do amor* (p.147-156). Lisboa: Climepsi Editores (artigo original publicado em 1982).
- Coimbra de Matos, A. (2002b). Notas sobre a adolescência. In *Adolescência: o triunfo do pensamento e a descoberta do amor* (p.173-187). Lisboa: Climepsi Editores (artigo original publicado em 1986).
- Fleming, M. (2003). O risco de não correr risco nenhum...Impasses no desenvolvimento psíquico adolescente. *Revista Portuguesa de Psicanálise*, 24, 97-105.
- Jeammet, P. (1994). Adolescence et processus de changement. In D. Widlöcher (Ed.), *Traité de Psychopathologie* (1ª ed., p.687-726). Paris: Presses Universitaires de France.
- Jeammet, P. (no prelo). *Dépendance et relation d'emprise*. Paris (texto cedido pelo autor).
- Laufer, M. (2000). *O adolescente suicida*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Le Breton, D. (2004). The anthropology of adolescent risk-taking behaviours. *Body & Society*, 10(1), 1-15. Disponível em: www.sagepublications.com (acedido em 2004-10-22).
- Marcelli, D. (2002). *Os estados depressivos na adolescência* (O. Santos, trad.). Lisboa: Climepsi Editores (obra original publicada em 2000).
- Marcelli, D., & Braconnier, A. (2005). *Adolescência e psicopatologia* (F. Fonseca e R. Rocha, trad.). Lisboa: Climepsi Editores (obra original publicada em 2004).
- Marques, M. (2001). Os processos de ligação, transformação e simbolização na adolescência através do Rorschach. In *A psicologia clínica e o Rorschach. Modelos de observação e teoria das transformações em psicologia clínica* (2ª ed., p.247-341). Lisboa: Climepsi Editores.
- Marques, M. (2005). Avaliação psicológica do adolescente e do risco. *Análise Psicológica*, 1(XXIII), 19-26.
- Matos, M. (1991). *Factores de risco psicológico em jovens condutores de motorizada e sua influência relativa na ocorrência de acidentes*. Dissertação de



- Doutoramento. Lisboa: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Lisboa (581 p.).
- Matos, M. (1995). *Psicologia do jovem condutor*. Comunicação ao I Encontro de Segurança Rodoviária do Distrito de Lisboa. Lisboa: Governo Civil de Lisboa.
- Matos, M. (2005). *Adolescência, representação e psicanálise*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Matos, M. (2005a). Para compreender os comportamentos de risco no adolescente. In, *Adolescência, representação e psicanálise* (p.123-129). Lisboa: Climepsi Editores.
- Matos, M. (2005b). A puberdade agida. In, *Adolescência, representação e psicanálise* (p.65-74). Lisboa: Climepsi Editores.
- Matos, M. (2005c). Os jovens conduzem(-se) como crescem. In, *Adolescência, representação e psicanálise* (p.145-153). Lisboa: Climepsi Editores.
- Pommereau, X. (1998). *Quando o adolescente se sente mal...é preciso ouvi-lo, compreende-lo, amá-lo!* (M. Ramos, trad.). Lisboa: Terramar (obra original publicada em 1997).

Comentário ao Livro - Mudanças Psíquicas no Processo Terapêutico de Maria Fernanda Alexandre (Editora Fenda, 2007)

Penso que uma das primeiras ilações que se pode tirar deste livro é de como a partir da prática clínica e do estudo teórico se pode produzir uma obra que sendo sempre clínica é ao mesmo tempo de um rigor conceptual fascinante.

O livro conduz-nos, através da reunião de um conjunto de trabalhos, a uma reflexão permanente sobre a mudança psíquica e o que a fomenta ("constrói") e aquilo que a impede ("destrói"). No fundo, sobre a relação constante entre as forças positivas e transformativas do ser e as forças negativas e ("destrutivas") do mesmo. Numa relação cheia de nuances que são ao mesmo tempo a expressão das vicissitudes dos processos psicoterapêuticos e, em particular, do papel do narcisismo nos mesmos.

Conceitos como os de mudança(s) psíquica(s), narcisismo, conflitualidade, reacção terapêutica negativa, masoquismo, regressão, objecto(s), simbolização, etc..., são abordados, não só de uma forma clara, mas, de uma forma compreensível nos diversos contextos clínicos apresentados.

Penso que se trata de um livro de leitura (e releitura) indispensável não só a analistas como a psicoterapeutas de orientação psicodinâmica, independentemente das faixas etárias com que trabalham.

Maria Fernanda Alexandre diz-nos, com a humildade que só a longa experiência reflexiva permitem, (ao lembrar Joyce McDougall) que "ser analista é poder permitir-se ser interrogado pelo outro e admitir interrogar-se a si mesmo. Tentamos seguir esse caminho". Permitir-me-ia dizer ainda mais. Não é analista (ou psicoterapeuta) quem quer, mas quem pode. Quem pode e consegue fazer o caminho. Não é o certificado ou título que validam o clínico, mas, é o clínico que prova que o certificado ou título têm razão de ser. Este livro é a clara expressão dessa validade!

António Jorge Andrade

O Sector de Publicações estabeleceu, em nome da SPPC, um acordo com a Editora Fenda, de forma que esta obra e todas as relacionadas com Psicologia e Psicanálise beneficiam, para pedidos directos à Editora e envio pelo correio, de um desconto de 20% sobre o preço de livraria e portes de correio gratuitos. A Editora Fenda tem publicadas, para além deste livro, obras de Pedro Luzes, Celeste Malpique, Jean Bégoïn, entre outros.

Os pedidos podem ser feitos por: email – info@fenda.pt; telefone – 218801040; fax – 218801049; correio – Fenda, Rua de São Nicolau, 13, 5º dto., 1100-547 LISBOA. Ao efectuar o pedido deve ser invocada a qualidade



Sublimações



*Mínimo sou,
Mas quando ao Nada empresto
A minha elementar realidade,
O Nada é só o resto.*

Reinaldo Ferreira

Fotografia de Isaque Neves



Nascido em Barcelona, a 20 de Março de 1922, Reinaldo Ferreira, de seu nome completo Reinaldo Edgar de Azevedo e Silva Ferreira, era filho do jornalista Reinaldo Ferreira, o celebrado **Repórter X**.

Tendo vindo para Moçambique (Lourenço Marques) em fins do ano de 1941 e aqui feito o sétimo ano dos liceus, por cá se conservou, com raras e breves escapadas à Metrópole, até Junho de 1959, data do seu falecimento.

Em Março do mesmo ano declara-se-lhe um cancro de pulmão que quase fulminantemente o arrebatou.

Receita para fazer um herói

Tome-se um homem,
Feito de nada, como nós,
E em tamanho natural.
Embeba-se-lhe a carne,
Lentamente,
Duma certeza aguda, irracional,
Intensa como o ódio ou como a fome.
Depois, perto do fim,
Agite-se um pendão
E toque-se um clarim.

Serve-se morto.

Reinaldo Ferreira

A pouco mais do que isso se resumirá a biografia de Reinaldo Ferreira, se por biografia entendermos o conjunto de acidentes que mais vulgarmente dão nas vistas. Biografia, portanto, como tantos, quase a não tem ou a tem predominantemente interior. Obra também a não deixou publicada e o melhor que se fez é o que agora aqui se publica. Por ironia do destino o que mais alargou as fronteiras do seu nome foi o que de menos valor ele nos legou: colaboração em algumas revistas musicais, letra de uma ou outra canção de grande êxito, teatro radiofónico, pouco mais. Sabe-se, sabem-no os amigos que com ele mais de perto privaram, que o teatro o seduzia: nele se ensaiara já, sendo certo que exista pelo menos o testemunho de uma (se não mais) sua incursão neste domínio. Muito seria quicá de esperar neste capítulo, mas para tanto lhe foi pouca a vida.

(In Poemas, Introdução, Imprensa Nacional de Moçambique, Lourenço Marques, 1960)



Eventos Científicos

Novembro:

Freud meets Jung: a Centenary Celebration – “Sexuality: Hysteria or Complex?”

Data: 24 de Novembro de 2007

Local: Cavendish Conference Centre, Londres

Organização: British Psychoanalytical Society / Society of Analytical Psychology / Journal of Analytical Psychology

Dezembro:

XIX Simpósio da Sociedade Portuguesa de Psicanálise – O Bebê e a Psicanálise

Data: 14 e 15 de Dezembro de 2007

Local: Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal

Organização: SPP

Janeiro:

International Congress “Bion 2008” Second Thoughts: Funzione Alfa e Cambiamento Catastrófico

Data: 31 de Janeiro a 3 de Fevereiro 2008

Local: Angelicum Congress Center, Roma, Itália

Março:

21st EPF Annual Conference 2008 – “The Shadow of Heritage”

Data: 13 de Março a 16 de Março de 2008

Local: Viena, Áustria

Maior:

4th International Tustin Conference – “From the Black Hole of Nothingness to the Emergence of Meaning”

Data: 1 a 3 de Maio de 2008

Local: Telavive, Israel

Organização: Francês Tustin Memorial Trust / Tel-Aviv University



FORMAÇÃO PERMANENTE SPPC 2007/8 CICLO DE SEMINÁRIOS TEMÁTICOS

Orientados por um conjunto prestigiado de formadores e supervisores com largos anos de prática, terão a seguinte calendarização:

SIMBOLISMO: As dimensões do Simbólico, do Real e do Imaginário

Prof. Doutora Maria Belo

15 de Dezembro 2007 das 15h às 18h

PSICOTERAPIA INFANTIL E PRÁTICA PSICOTERAPÊUTICA

Dra. Maria Fernanda Gonçalves Alexandre

12 de Janeiro 2008 das 9h30m às 12h30m

NOÇÕES PRÁTICAS DE PSICOFARMACOLOGIA

Terapêutica farmacológica na ansiedade, depressão, psicoses e nas dependências

Dr. Manuel Gonçalves Pereira

23 de Fevereiro 2008 das 9h às 12h30m e das 14h às 17h

O DESENHO NA PSICOTERAPIA DA CRIANÇA

Dr. Jaime Coelho

8 de Março 2008 das 9h às 13h e das 14h30m às 18h30m

PATOLOGIA LIMITE E PRÁTICA CLÍNICA

Prof. Doutor Manuel Matos

5 de Abril 2008 das 10h às 13h

DOENÇAS NEUROLÓGICAS COM EXPRESSÃO PSICOLÓGICA

Dr. José Pedro Vieira

10 de Maio 2008 das 10h às 13h e das 14h30m às 18h30m

PSICOTERAPIA E SEXUALIDADE: A HOMOSSEXUALIDADE

Prof. Doutor Rui Aragão Oliveira

21 de Junho 2008 das 10h às 13h

Para mais informações e pré-inscrições: fpe-sppc@iol.pt

Preço da inscrição (para o conjunto dos 7 seminários)

Profissionais em geral – 150 Euros

Membros da SPPC – 120 Euros

Preço da inscrição (por cada seminário temático)

Profissionais em geral – 25 Euros

Membros da SPPC – 20 Euros

Local da Realização – Sede da SPPC

Rua Andrade Corvo n.º50 6.ºdto, 1050 – 009 Lisboa

Organização

Formação e Especialidades da Sociedade Portuguesa de Psicologia Clínica



| Actividades Culturais | | |
|---|--|--|
| Teatro | Cinema | Exposições |
| <p>«Deixemos os sexo em paz», de Dário Fo, Franca Rame e Jocopo Fo Teatro Maria Vitória 18 de Maio a 28 de Dezembro de 2007 3^a-6^a: 15h</p> <p>«As Vampirás Lésbicas de Sodoma», de Charles Busch Teatro-estúdio Mário Viegas 30 de Setembro a 30 de Dezembro de 2007 Domingo: 21h</p> <p>«O que sabemos (Conferência de R. Feynman)» Museu de Ciência da Universidade de Lisboa 30 de Setembro a 30 de Dezembro de 2007 3^aa 5^a (sob marcação) 6^a a Sábado: 21h Domingo: 16h</p> | <p>Control De: Anton Corbijn Com: Sam Riley, Samantha Morton, Alexandra Maria Lara</p> <p>Gangster Americano De: Ridley Scott Com: Denzel Washington, Russell Crowe, Chiwetel Ejiofor</p> <p>Across the Universe De: Julie Taymor Com: Jim Sturgess, Evan Rachel Wood, Joe Anderson</p> | <p>«Os gregos. Tesouros do Museu Benaki, Atenas» Museu Calouste Gulbenkian 28 de Setembro de 2007 a 6 de Janeiro de 2008</p> <p>«Outras zonas de contacto - imagens contemporâneas de uma colecção privada» Museu da Cidade de Lisboa 6 de Novembro de 2007 a 6 de Janeiro de 2008</p> <p>Exposição inaugural - Museu Colecção Berardo Museu Colecção Berardo - Arte Moderna e Contemporânea até 17 de Novembro</p> <p>«Desigualdades, Discriminações e Preconceitos» Estação do Rossio até 21 de Novembro</p> |
| Música | | Dança |
| <p>Scorpions Pavilhão Atlântico 4 de Dezembro de 2007</p> <p>The Cure Pavilhão Atlântico 8 de Março de 2008</p> | <p>Mark Knopfler Campo Pequeno 4 de Abril de 2008</p> | <p>Tap Dogs Casino de Lisboa 12 a 17 de Fevereiro de 2008 3^a a Domingo 22h Sábado e Domingo também 17h</p> |



INFO(FO)RMAÇÃO

- Iniciou-se o 2º Módulo do **Curso de Formação em Rorschach - Sistema de Exner**, correspondente à Interpretação através do SIR. O Curso decorre às 2^{as} feiras, até Janeiro de 2008, na sede da SPPC.
- **Calendário do início da formação de base:**

LISBOA

- 1º ano – Início em Janeiro de 2008
- 2º ano – Iniciado em Outubro de 2007
- 3º ano – Iniciado em Outubro de 2007
- 4º ano – Iniciado em Outubro de 2007

PORTO

- 1º ano – Início em 2008-2009
- 2º ano – Início em Dezembro de 2008
- 3º ano – Início em 2008-2009
- 4º ano – Início em Dezembro de 2008

Consulte o site SPPC para conhecer a programação detalhada 2007 / 2008.

NORMAS PARA A PUBLICAÇÃO DE TEXTOS NO BOLETIM "KAIROS"

- O(s) autor(es) deverão ser membros da SPPC.
- Os textos devem ser originais, podendo ser de opinião ou reflexão acerca de assuntos gerais da actualidade e, sobretudo, de temáticas relevantes para a Psicologia Clínica e para a Psicoterapia Psicodinâmica.
- Os textos não devem exceder as 6 páginas dactilografadas a espaço e meio, com letra Times New Roman ou Arial tamanho 12, marginadas a 4 e 1,5 cm.
- Os textos devem ser enviados em suporte electrónico (compatível com Word), por email ou em disquete ou CD.
- A publicação dos textos será sempre sujeita ao parecer da Coordenação do Boletim, tendo em conta a sua relevância, qualidade e possíveis condicionamentos face ao espaço disponível, estrutura e objectivos do Boletim.
- Os textos originais não serão devolvidos, quer sejam ou não publicados.
- Os textos serão sempre da exclusiva responsabilidade dos seus autores.
- Os membros da SPPC poderão ainda fazer chegar à Coordenação do Boletim informações de interesse geral ou para a classe, para eventual publicação.

Morada para envio:

A/C Sector Publicações, SPPC – Rua Andrade Corvo
Nº50, 6ºdto 1050-009 Lisboa
Email: publicacoes.sppc@gmail.com

SECTOR PUBLICAÇÕES:

Coordenação: António Jorge Andrade, Graça Marrocano
Edição: Isaque Neves e Raíssa Santos

